

Violento conflito indígena deixa seis feridos e dez reféns

Causa da luta foi a disputa pelo comando da Reserva da Guarita

Por MARCELO RECH
Enviado especial/ZH

No mais violento conflito indígena dos últimos anos no Rio Grande do Sul, seis índios saíram gravemente feridos e outros dez foram tomados como reféns pelo grupo do cacique Samuel Claudino, da Reserva da Guarita, com 12 mil hectares espalhados pelos municípios de Miraguaí e Tenente Portela. Cinco índios estão internados no Hospital Santo Antônio, em Tenente Portela, e outro, que levou um tiro na veia femoral, foi transferido para Passo Fundo.

A luta foi ao amanhecer de ontem. O cacique Samuel Claudino e mais cerca de 50 índios armados com facões, porretes e espingardas atacaram as casas de quatro famílias que fazem oposição ao comando da reserva. Nas últimas semanas o grupo vinha denunciando o cacique por roubar dos próprios índios. Há pouco mais de um ano no cargo, depois de ser escolhido para suceder a Domingos Ribeiro, Samuel Claudino é acusado de ficar com o dinheiro do arrendamento de parte dos 12 mil hectares da reserva, de comercializar a madeira cedida aos índios para a construção de casas e, até, de vender um trator destinado aos caingangues pelo Governo.

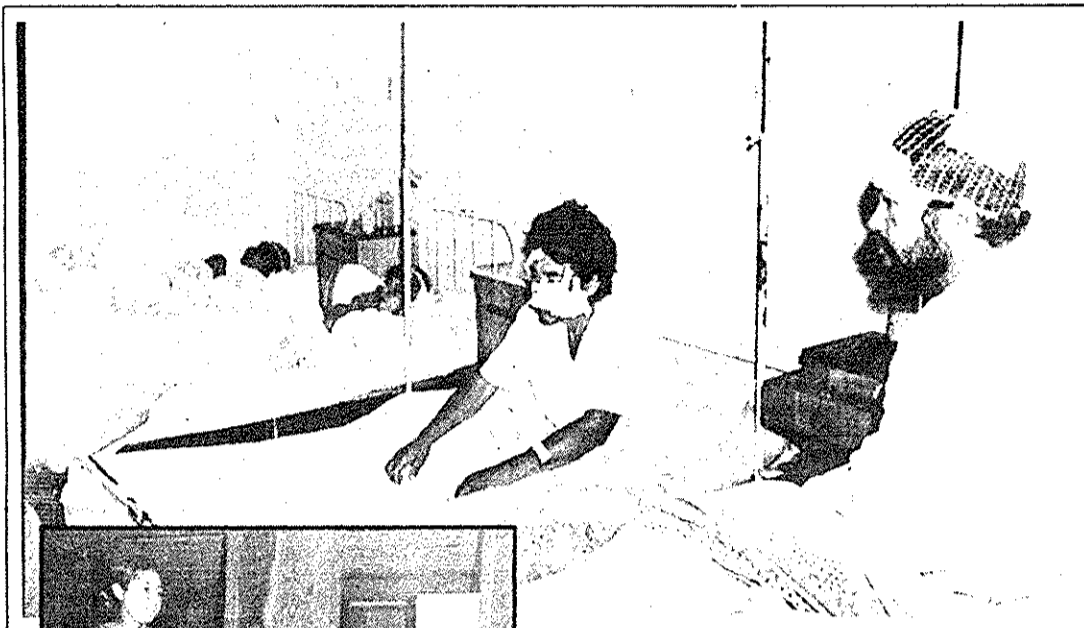
Este grupo de oposição chegou a passar a estes índios um abaixo-assinado que recebeu 43 assinaturas para a destituição do cacique e eleição de outro. Indignado com o movimento, Samuel Claudino avisou que só deixaria o cargo morto. E começou a preparar a resposta, que veio ao alvorecer desta segunda-feira com o ataque ao grupo rebelado.

Foi um verdadeiro massacre. Os 50 homens do cacique se reuniram antes de o sol nascer e marcharam cerca de quatro quilômetros através de campos de trigo e por estradas que cortam a reserva até o ajuntamento de casas. Três índios que estavam num galpão foram surpreendidos dormindo. "Não se mexam", gritaram os atacantes, apontando suas armas. Com as roupas arrancadas, eles começaram a receber golpes de porrete e facão. Um deles ainda conseguiu escapar, mas dois foram capturados. Ao mesmo tempo, outro grupo fiel ao cacique atacava a casa de madeira de Alfredo Ribeiro, onde dormiam cerca de 20 crianças. Eles queriam tomar toda a família como refém, mas os índios resistiram trancados dentro do barraco, cerrando portas e janelas.

Tijoladas

Com tijoladas e disparando tiros contra as paredes, o grupo de Samuel forçou a saída dos índios. Para isso, porém, um dos atacantes teve de enfiar o cano da espingarda numa fresta da madeira e apertar o gatilho de sua arma espalhachumbo. Ao tentar proteger as crianças, Líria Ribeiro recebeu um tiro no ombro esquerdo. Seu marido, Luís Ribeiro, foi baleado no braço esquerdo. Em seguida, os índios rebeldes e até as mulheres passaram a ser espancados e a casa destruída.

As 7h30min, um motorista testemunhou os atacantes retornando para a sede da reserva pela

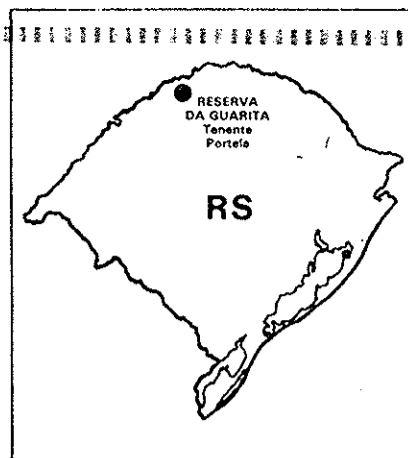


Índios feridos no hospital. E os estragos da luta na casa dos Ribeiro



estrada que liga Tenente Portela a Redentora. À frente estava a camioneta branca da Funai com os faróis acesos. Na parte da trás do veículo ia um grupo de índios amontoados, e, a pé, seguiam os restantes carregando suas armas e bebendo cerveja que levavam em engradados. Logo depois, o agente da Funai na reserva, Nery Ribeiro, filho do ex-cacique Domingos Ribeiro, que hoje vive recolhido, transportou os seis feridos até o Hospital Santo Antônio. Mas um aliado do cacique teve de ser removido a Passo Fundo, devido à gravidade dos ferimentos. Segundo os índios rebeldes, ele foi ferido pelo próprio companheiro, na confusão da batalha.

Um dos lances mais surpreendentes do conflito, entretanto, aconteceu à tarde. Quando dois parentes dos índios internados foram visitar os feridos em Tenente Portela, dois homens do cacique invadiram o hospital à procura da dupla que havia conseguido escapar do espancamento e os dois acabaram sendo encontrados no quarto de Íria Ribeiro e, para espanto dos funcionários do andar



Funai não interfere em disputas internas

O chefe da 1ª Superintendência Regional da Funai, Edglio Battistelli, disse ontem, em Chapecó, que o órgão não vai interferir em disputas internas nas reservas que mantém sob sua jurisdição, a não ser para intermediar o entendimento entre as facções e evitar conflitos como o de ontem pela manhã, na reserva da Guarita, em Tenente Portela, que resultou em seis feridos, um deles a bala. Battistelli não tinha maiores detalhes sobre os episódios de Tenente Portela e aguardava o relatório do indianista Francisco Eugênio, da delegacia da Funai em Passo Fundo, que se dirigiu para a reserva a pedido dos próprios índios para tentar uma negociação. As primeiras notícias que recebeu relacionavam o conflito a desentendimentos entre as lideranças, tendo de um lado o cacique Samuel Claudino e de outro, Francisco Ribeiro. "A Funai está proibida de decidir na escolha do cacique", afirmou.

Arrendamento

O vice-presidente da Associação Nacional de Apoio ao Índio, a Anai, Rodrigo Benzon, culpou o arrendamento de terras da reserva para agricultores da região como a origem do confronto de ontem e de outros problemas entre a comunidade indígena. Benzon lamentou que interesses regionais estão se refletindo dentro das reservas e responsabilizou a Funai pela situação. "Os índios só estão arrendando suas terras porque a Funai nunca ofereceu condições para que eles mesmo desenvolvessem sua agricultura e produzissem", afirmou. Isto, segundo ele, leva os índios não apenas a arrendar a terra por um preço barato como também trabalhar para os arrendatários. Benzon disse ainda que a polícia indígena, criada para manter a segurança interna das reservas e resolver os problemas entre os índios, acabou se transformando num instrumento de repressão dos caciques.

O superintendente Edglio Battistelli não descartava, ontem à tarde, a possibilidade de que o arrendamento das terras tenha contribuído para a briga entre os índios. "Não há dúvidas de que o arrendamento está agindo como um fator de desagregação cultural e social entre a comunidade", afirmou. Battistelli concordou que questões regionais estão contribuindo para isto e lembrou que apenas na Guarita e na vizinha São João do Irapuá, entre as 49 reservas da 1ª Superintendência Regional (que inclui os três Estados do Sul e mais São Paulo e Rio de Janeiro), ocorre o arrendamento de terras.

Até o final da tarde de ontem, a Polícia Federal e Brigada Militar em Porto Alegre tinham registrado apenas a ocorrência do confronto e a existência de feridos. A equipe de agentes que o escritório da PF enviou para a reserva não tinha fornecido ainda informações sobre a situação. Como a reserva é uma área federal, a Brigada só deverá atuar se for solicitada.

terreo, foram arrastados à força e embarcaram num carro. À noite, a informação era de que os sequestrados haviam sido levados para a sede da reserva, onde se juntaram aos oito reféns.

A Brigada Militar de Tenente Portela foi deslocada para a área assim que tomou conhecimento do conflito e ainda conseguiu evitar um massacre maior. No final da tarde, em meio a um ambiente mais calmo, as tropas se retiraram. Na sede da reserva, o cacique Samuel Claudino e seus aliados emudeceram sobre o ataque. Reunidos em torno de suas casas, ninguém quer falar sobre os motivos da guerra e nem o agente da Funai aceita conversar sobre o assunto. "A coisa não está resolvida", limita-se a comentar Nery Ribeiro.

Terra arrasada

Na área das famílias rebeldes a paisagem é de terra arrasada. Três mulheres da família Ribeiro se arriscaram a voltar ao local no início da noite, para ver o que tinha restado. "Ainda não saímos da reserva, porque nossos maridos estão presos. Se quiserem podem até nos matar", dizia uma delas. A dona da casa Francelina Ribeiro, uma índia já com mais de 60 anos, chorava sem parar. "Eu vou embora daqui. A gente não queria briga", repetia ela, desesperada, ao ver o que sobrou do lugar em que morava. As crianças foram espalhadas por outras casas, para que fiquem em segurança. Mas da noite de ontem para hoje todas as mulheres pretendiam permanecer acordadas, com receio de um novo ataque.

Neste clima, é que hoje de manhã, às 10 horas, vai acontecer uma reunião entre os índios com a participação da Brigada Militar e de funcionários da Funai. Se não houver uma solução, que tanto pode ser a deposição do cacique como a transferência dos rebeldes para outra área, não está afastado um novo massacre.

O desentendimento dos caciques é antigo

O ano de 1983 começou com uma disputa de poder na reserva indígena da Guarita, em Miraguaí, entre os grupos dos caciques Domingos Ribeiro e Ivo Ribeiro Sales. Os desentendimentos iniciaram no final de janeiro, quando o "capitão" Domingos Ribeiro tentou derrubar o cacique Ivo Sales, numa espécie de golpe de Estado. Não aceitando a indicação de Ivo por um conselho indígena, Domingos saiu da reserva, levando consigo uma parte da tribo. Sob ameaça de choque armado, o seu grupo refugiou-se na igreja de Miraguaí.

Na tentativa de resolver o impasse, o delegado Severino de Toni, da Funai, foi procurado, mas estava em férias. Desta forma, foi convocado o procurador-geral da Funai, Augusto Moraes, que aceitou a proposta de Domingos de dividir a área,

mantendo-o como cacique da Guarita, enquanto Ivo ficava com a recém-criada reserva de São João de Irapuá. Os ânimos pareciam serenados e os dois caciques até tomaram cafézinho na sala do delegado da Funai, em Porto Alegre, pedindo ajuda para acertar as divisas e as rendas de suas áreas.

No começo de maio daquele ano, no entanto, o "major" Eloir Jacinto, com a arma na mão, tentou derrubar Ivo Sales. Armou um grupo de índios, que foi descoberto pelo agente da Polícia Federal Telmo de Lima Freitas, enviado à área em missão de apaziguar os ânimos dos dois grupos, em velado pé de guerra. A pedido de Ivo, Jacinto e seu grupo foram expulsos para a reserva de Índio Ligeiro, em Getúlio Vargas, com a concordância da Funai, que oficializou a transfe-

rência.

No dia 29 de maio de 1983, índios do grupo de Ivo foram agredidos, quando iam pedir explicações sobre a apreensão de uma mudança pertencente ao capitão Santo Claudino, que bandeava-se da tribo de Domingos Ribeiro para São João de Irapuá. O cacique Ivo viajou apressadamente para Porto Alegre e, no dia seguinte, alertou o delegado da Funai, De Toni, que pensava que tudo estava tranqüilo entre os dois grupos. No outro dia, a violência explodiu, deixando um saldo de cinco mortos e 14 feridos. Só depois de muito esforço e inúmeras tratativas, a Funai conseguiu a paz entre os dois grupos e homologou a divisão proposta por Domingos, num acordo que teve duas horas de duração. (Paulo Sérgio Weirich/Pesquisa/ZH)